



Venezuela Chavista¹

Joel da Silva Fonseca JUNIOR²

Izadora Calvetti SOUZA³

Renato da Silva Della VECHIA⁴

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve análise dos principais fatos que marcaram o governo de Hugo Chávez Frias durante seus 14 anos no poder. O quanto seu populismo e sua revolução bolivariana foram importantes para os venezuelanos e para o mundo, em vários aspectos, configurando um cenário de amor e ódio, ainda persistente aos sucessores chavistas. Também é feito uma abordagem sobre a repercussão da morte de Chávez na mídia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Hugo Chávez; Venezuela; Socialismo do século XXI;

TEXTO DO TRABALHO:

Em resposta a socióloga chilena Marta Harnecker, em uma entrevista em 2004, Hugo Chávez denotou seu modelo de política, conhecida como Socialismo do Século XXI. Um modelo que se opôs ao neoliberalismo, ao capitalismo selvagem, mas que também estava longe de ser um socialismo rumo ao comunismo.

Mas tu me perguntavas se o capitalismo é humanizável. Respondo: creio que capitalismo não é humanizável, visto nos marcos do mais puro substrato capitalista – um capitalismo selvagem como o qualifica João Paulo II – não é humanizável.

Mas, no caso venezuelano, com um governo como este, com uma Constituição como esta, com um povo que despertou como o nosso, com uma correlação de forças como a que temos, sim é humanizável. Creio que, nesses três anos, fizemos mais do que alguns retoques. Estamos nos marcos de um sistema capitalista; não o transformamos, seria mentira dizer isso, Marta, mas

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 1º semestre do Curso de Jornalismo da UCPel, email: joelfonsecajunior@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 1º semestre do Curso de Jornalismo da UCPel, email: izadora_rs@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor de Ciência Política do Curso de Jornalismo da UCPel, email: rdellavechia@gmail.com



diminuímos a desnutrição infantil em 10%, diminuímos a mortalidade infantil, entre outras coisas, porque vacinamos todas as crianças contra a hepatite B, vacina que vem de Cuba. Destinamos um orçamento muito maior para a educação – passamos de menos de 3% para mais de 6% –, o acesso à água potável aumentou muito. Então, esses são toques de humanização dentro do modelo capitalista. Claro, como uma etapa transitória. (HARNECKER, 2004, p.140-141).

Chávez foi um homem de muita importância para seu país e para o mundo, isso ninguém pode negar. Mas há uma divisão entre os que consideram seu legado positivo ou negativo. Seu mandato de quatorze anos foi marcado por momentos de mudanças, crises, melhorias sociais, tumultuadas políticas externas e muitas críticas pela oposição de dentro e fora do país.

Sua relação com os meios de comunicação também foi conturbada, o amor e o ódio sempre estiveram presentes. Isso porque ele não deu concessão às mídias estrangeiras e criou uma emissora estatal, a Telesur. Tudo foi um jogo e uma diplomacia midiática, contra a manipulação de idéias e informações que iam de encontro ao chavismo.

Aqui no Brasil, após sua morte, a imprensa, dividida, divulgou de forma diferente seu falecimento, de como e onde ele havia morrido e sua trajetória no comando da Venezuela. Revistas de circulação nacional, como a Veja, e a Época estamparam nas capas uma imagem obscura com a foto de Chávez, com as respectivas manchetes: “Chávez – A herança maldita”, e “Depois de Chávez”. Já a revista Carta Capital, por exemplo, divulgou em sua capa a foto de Chávez extremamente colorida com o título: “A morte de um líder”. Isso pode ser apenas um reflexo do pluralismo de idéias, de opiniões ou a tentativa de manipulação das massas em favor do sistema que rege essas mídias.

O título “A herança maldita”, retratado pela Veja, não se referia ao legado de Chávez, mas ao anúncio do possível embalsamamento.

As múmias de Lênin e Stalin (e a de Mao Tsé-tung) ficaram como representação congelada da especialidade de cada um: a morte. A múmia de Chávez, contrafação tropical de ditador comunista, vai ser a lembrança de um anacronismo, da reemergência do caudilhismo em uma região que já deveria ter se modernizado há décadas. (TEIXEIRA, 2013, p. 68)



Porém não deixaram de fazer duras críticas ao governo Chávez. Fizeram uma breve análise de sua vida política e de seu período na presidência, chamando-o de ditador comunista, e o último caudilho. A posição da revista foi claramente anti-chavista, retratando o sistema político do país como um regime totalitário, sem expor a atual realidade venezuelana com relação às melhorias sociais e a participação direta do povo com a política.

A Carta Capital divulgou dois artigos sobre o Hugo Chávez. O primeiro tratando da transição de governo em uma situação econômica difícil. Relatou também a comoção do povo a ir às ruas lamentarem e homenagear a morte de seu presidente e ídolo. E o segundo sobre a dualidade de emoções entre o povo venezuelano, os que odeiam e os que o amam. O autor do artigo concluiu que houve muitas mudanças significativas, mais que ainda existem problemas a serem resolvidos.

O ex-presidente diminuiu a miséria, dividiu a renda da riqueza petroleira, não há crianças a pedir esmolas nas ruas Caracas, as tarifas públicas são quase de graça, mas seria exagero negar que o país ainda tinha (e tem) muitos problemas. Violência, inflação, caos no trânsito, escassez de alimentos. Mas isso não importa para a maioria da população, que parece certa de que, sob o chavismo, está melhor do que antes. E mais: antes alijadas do poder, as massas entenderam sua capacidade de decidir o próprio futuro. (BARROCAL, 2013, p. 41)

No final de sua última campanha para presidente, em 2012, Hugo Chávez admitiu erros cometidos e problemas a serem enfrentados, e prometeu ser um presidente melhor, mais eficiente. Obviamente nenhum governo é perfeito, por se tratar de líderes humanos, passíveis de erros. Deve-se sim fazer uma análise, um balanceamento geral de suas atitudes e decisões, para então ter uma noção se as intenções, concretizadas ou não, foram de querer um bem comum a todos, ou comum a uma elite.

O ex-presidente surgiu no espaço político em 1992, quando era tenente-coronel, liderando uma tentativa de golpe contra o então presidente Carlos Andrés Pérez. O golpe falhou e ele foi preso, assumindo na frente das câmeras a responsabilidade de tudo e pedindo para seus companheiros largarem as armas.

A oposição o critica até hoje por ter tentado através de um golpe militar derrubar o presidente da época, depois que a América Latina já tinha sido liberta de seus ditadores. O que eles não consideram ou não querem considerar, são as circunstâncias que



motivaram Chávez e a MBR-200 (movimento bolivariano revolucionário) a agir contra o governo de 1992.

Em 27 de fevereiro de 1989, houve uma manifestação pública em Caracas, que ficou conhecida como Caracazo. O povo saiu maciçamente às ruas manifestando seu repúdio contra o pacote econômico de ajuste estrutural recessivo, que afetou principalmente o preço da gasolina e de quebra o preço da passagem do ônibus. O exército e a polícia foram acionados para conter o manifesto. Há estimativas que foram milhares de mortos. No ano seguinte da tentativa de golpe, Carlos Andrés Peres sofreu um impeachment, acusado de desviar dinheiro para fundos secretos.

Durante toda trajetória de Hugo Chávez no comando da Venezuela, pode-se destacar e analisar no mínimo quatro fatos marcantes e suas conseqüências, são eles: O primeiro mandato e a assembléia constituinte, a tentativa de golpe pela oposição em 2002, o terceiro mandato com suas conquistas e problemas, o quarto mandato e sua morte.

Depois de cumprir dois anos de prisão, Chávez foi anistiado pelo novo presidente, Rafael Caldera Rodríguez, e abandonou a vida militar, passando a se dedicar à política.

Em 1998 ele se candidata a presidência, com a idéia de realizar uma revolução Bolivariana, em homenagem a Bolívar. Sua campanha eleitoral esteve centrada no combate a pobreza, e na inclusão social.

Sua vitória foi muito comemorada pelo povo. Era o fim do Pacto de Punto Fijo⁵. Grandes mudanças foram prometidas e muitas foram realizadas. Já no primeiro ano de mandato foi realizado um plebiscito, onde 70% da população aceitou a convocação de uma assembléia constituinte. Com uma nova constituição, novas eleições foram convocadas em 2000, e Chávez ganhou. Desde sua primeira candidatura nunca houve tantos eleitores às urnas, considerando que o voto é facultativo.

O nome do país foi alterado para República Bolivariana da Venezuela. O presidente passou a ter mais poderes, sendo chefe de Estado e governo, comandante supremo das forças armadas, com mandato de seis anos. Mais tarde foi feito um referendo popular que aprovou a possibilidade de reeleição infinita.

O governo então passou a ter cinco poderes: o executivo, o legislativo, o judiciário, cidadão e eleitoral. Ou seja, uma maior participação do povo nas questões políticas.

⁵ O Pacto de Punto Fijo surgiu com o fim da ditadura de Perez Jimenez (1948-1958), foi firmado um pacto que durou até 1998 – com o aval dos EUA – que consistia num acordo de partilha do poder para as diversas frações da burguesia interna, cooptando os sindicatos e com a alternância do poder entre os partidos de direita AD e COPEI, isolando e perseguindo os militantes do PCV.



Em 2001 foi criado os círculos bolivarianos, uma assembleia popular, com o objetivo de discutir sobre temas sociais, para poder encaminhá-los a órgãos responsáveis. Depois foram chamados de conselhos comunais, porém com uma nova perspectiva, com uma maior atuação, que vai ser a marca da revolução bolivariana.

Foi dado ao presidente poderes extraordinários através da lei habilitante, que os críticos alegavam que era poderes ditatoriais. O fato é que somente dessa maneira Chávez consegue tomar medidas essenciais para uma reforma no país.

A economia estava em crise e as primeiras medidas foram com políticas progressistas, como a lei dos hidrocarbonetos, a das terras e a da pesca, que provocou um crescimento econômico contínuo em quase todos os setores. Mas foi de encontro com algumas partes da oligarquia associadas a classe média (Federação Nacional de Câmaras e Associações de comércio e produção – FEDECAMARAS; Central dos trabalhadores da Venezuela; e grandes massas de comunicações).

A Lei de Hidrocarbonetos, que rege o setor petrolífero, e a Lei de terras, que trata da reforma e do desenvolvimento agrários. No primeiro caso, porque o governo passou a exigir que o capital venezuelano tivesse maioria acionária nas parcerias com petrolíferas estrangeiras atuantes no país, o que os defensores da liberalização do setor viram como retrocesso. O governo ainda aumentou de 16,6% para 30% os royalties cobrados sobre o barril de petróleo, se bem que essa medida foi atenuada pela diminuição de 64% para 50% do imposto sobre a renda petrolífera. Já a polêmica em torno da Lei de Terras é um pouco mais complexa. É amplamente aceito que foi a noção de horror à oligarquia que fez o presidente Hugo Chávez manter, na Constituição Bolivariana, o artigo 342, que já vinha da Carta de 1961, indicando que “o regime latifundiário é contrário ao interesse social” na Venezuela (Uchoa, 2003, p. 56).

Tais medidas adotadas foram precursoras da tentativa de golpe em 2002, quando em 11 de abril houve uma manifestação pedindo a demissão de Chávez, em frente ao Palácio Miraflores, no confronto quinze pessoas morreram. O presidente interrompe a transmissão das emissoras privadas e da estatal venezuelana de televisão.

No dia 12 de abril o general Lucas Rincón, chefe das Forças Armadas, anuncia que Chávez havia renunciado, tendo o presidente da Fedecamaras, Pedro Carmona, assumido a presidência da República. Na meia noite de sábado para domingo Hugo Chávez conseguiu enviar uma mensagem dizendo que não havia renunciado o poder legítimo que o povo lhe deu.

Milhares de venezuelanos foram às ruas de Caracas manifestar seu apoio ao presidente deposto. O golpe conseguiu afastar o legítimo presidente por dois dias, que com o apoio



de soldados leais retornou ao poder. A partir daí as relações com os Estados Unidos começaram a se acirrar, pois o governo americano reconheceu a posse de Carmona, e ainda havia boatos de apoio no golpe.

No final de 2003 a oposição (Coordinadora democrática) juntou assinaturas para fazer uma consulta popular para decidir a permanência de Chávez na presidência. Em 2004 houve o referendo, e 58,25% da população apoiou seu presidente.

No final de 2006, novamente Hugo Chávez Frias foi o vencedor das eleições presidenciais, com 62,9% dos votos. Em janeiro de 2007, ganhou poderes amplos para governar em 11 áreas do país, através de leis habilitantes, por 18 meses.

Uma das provas de que a democracia esteve sempre muito presente, foi quando em dezembro de 2007, uma proposta feita pelo presidente de reforma na constituição foi negada através de um plebiscito, e ele acatou a decisão do povo.

Durante seu terceiro mandato (contando com a reeleição de 2000), Chávez continuou com sua política externa mais independente e contrária ao neoliberalismo, mesmo negociando a maior parte do petróleo exportado com os EUA.

Suas políticas sociais continuaram a evoluir. Uma das principais medidas foi a aprovação de leis do poder popular, em dezembro de 2010. A partir dessas leis as comunas, que são unidades administrativas formadas por conselhos comunais. Dados oficiais revelam que já existem mais de 46 mil comunas no país. A intenção é a comunidade planejar, desenvolver e concretizar políticas públicas, como um autogoverno.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os principais pontos críticos, que não foram solucionados até o final da gestão do Hugo Chávez, por motivo de seu falecimento, levantam-se questões relacionadas à economia, segurança pública e política

O governo não desenvolveu uma economia diversificada com produção interna, o que diminuiria a alta dependência do rentismo petrolífero. O que também vem gerando uma crise a ser enfrentada no país, junto com uma alta inflação.

A violência urbana é outra questão a ser enfrentada por seu sucessor. Pois a taxa de homicídio é grande. Em 2009 chegou a 75 homicídios por 100 mil habitantes.

A burocracia e a má gestão de prefeitos e governadores chavistas também foram alvos, com fundamento, das críticas dos opositores. Analistas acreditam que é preciso uma reformulação da burocracia estatal. E criticavam Chávez por ele mesmo escolher os candidatos a governador e prefeito sem ouvir as bases. E mesmo depois de fazer uma autocrítica de seu governo, após ganhar as eleições presidenciais em outubro, escolheu de novo os candidatos à eleição para governador, que ocorreu em dezembro de 2012.

Uma grande conquista do governo chavista, foram as missões. Criadas como uma forma de driblar a burocracia, são programas sociais na área da saúde, educação e moradia. A Grande Missão moradia, por exemplo, até o final de 2012 entregou 200 mil casas, aproximadamente, com móveis, fogão, máquina de lavar e secar.

Em 2005 a UNESCO considerou a Venezuela um país livre do analfabetismo, 22 universidades foram criadas durante os 14 anos de governo, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe divulgou que entre 2002 a 2010 a pobreza diminuiu 20 pontos no país chavista (48,6% para 27,8% da população), a extrema pobreza caiu de 22,2% para 11,5%. O índice que mede a qualidade de vida da população, o IDH (índice de desenvolvimento humano) da Venezuela é o melhor da América Latina. Todos esses resultados são respostas ao socialismo do século XXI, a revolução bolivariana que o presidente Chávez sempre defendeu e lutou mesmo indo contra a corrente capitalista neoliberal.

Com seu falecimento no dia 5 de março de 2013, a maior dúvida é se o sucessor a presidência, Nicolás Maduro, vai continuar defendendo a política socialista. Se vai conseguir enfrentar os problemas econômicos, internos e externos, social e político sem a mesma simpatia e apoio popular que o ex-presidente Hugo Chávez Frias tinha.



6

⁶ Imagem disponível em <http://carosamigos.terra.com.br/>



REFERÊNCIAS

Livros:

HARNECKER, Marta. Um homem, um povo / Hugo Chávez Frías: entrevista concedida a Marta Harnecker; tradução: Geraldo Martins de Azevedo Filho. - 1.ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2004.

UCHOA, Pablo. Venezuela: a encruzilhada de Hugo Chávez. São Paulo, Globo, 2003.

Artigos de Periódicos:

BARROCAL, André. O amor e o ódio na Venezuela. A Morte Um Líder. Carta Capital, Brasil, v.1, n.739, p. 40-41, março. 2013.

COSTA, Antônio Luiz M. C. Uma Transição Delicada. A Morte Um Líder. Carta Capital, Brasil, v.1, n.739, p. 36-39, março. 2013.

MERLINO, Tatiana. A revolução que não é Televisada. Socialismo - Hugo Chávez avança modelo venezuelano. Caros Amigos, Brasil, v.1, n.188, p. 10-13, dezembro, 2012.

TEIXEIRA, Duda. A maldição da Múmia. Chávez – A Herança Sombria. Veja, Brasil, v. 1, n.11, p. 66-73, março. 2013.